



ANTÓNIO
MEGA FERREIRA

Roteiro
de
Paixões
Perdidas
de
Afetivo

The title is rendered in a bold, rounded, hand-drawn font. The words are arranged in a circular pattern around a central spiral. A leafy branch arches over the top of the word 'Roteiro', and another leafy branch curves under the bottom of the circular arrangement.

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXII

© 2022, António Mega Ferreira
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152
1.º andar, escritório 10
1750-149 Lisboa

Tels: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Roteiro Afetivo de Palavras Perdidas*
Autor: António Mega Ferreira
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Outubro de 2022

ISBN 978-989-671-705-6
Depósito Legal n.º 504628/22

EM BUSCA DAS PALAVRAS PERDIDAS

«A língua não existe apenas para ser manipulada
de uma forma neutra; ela exige também ser saboreada,
tocada, apalpada, apreciada.»

ALAIN DUCHESNE E THIERRY LE QUAY

Quando viro o espelho retrovisor da memória para o percurso da minha já longa vida, é sob a forma de palavras que as diversas etapas, episódios ou afetos me aparecem. Muitas dessas palavras eram para mim correntes à data dos sucessos que nomeiam e descrevem; mas, resgatadas hoje, parecem-nos obsoletas, fora de uso, inutilizadas. Que mistério envolve o envelhecimento e a obsolescência das palavras? Porque caem em desuso termos como *trampolineiro*, *infernizar* e *larápio* (ao longo deste livro, as palavras que tenho por «perdidas» aparecem sempre em *itálico*), mesmo quando as realidades que nomeiam se mantêm presentes, ainda que sob outras formas?

Confesso que é com alguma nostalgia que me lembro de certas palavras da minha juventude, cujo fulgor *rutilava* no intenso fascínio do significante, antes mesmo que o que elas queriam dizer tivesse para mim um significado inteligível. Colhera o belo verbo nas «rútilas estrelas» de Gonçalves Crespo e só mais tarde soube que *rutilante* (arruivado, dourado, cintilante) era um elegante latinismo de Camões (de *rutilans*, *rutilantis*), possivelmente acolhido por via castelhana. Porém, aqui não me refiro tanto às palavras «caras», que os adultos pronunciavam com aplicação e algum pretensiosismo, quanto às outras, as que povoavam a conversação, nem

sempre densas de uma história multissecular, mas às palavras sem traço de novo-riquismo, nobres apenas porque enraizadas na fala vulgar da cidade de Lisboa, onde nasci, cresci e sempre vivi. Resgatar palavras do relativo esquecimento em que caíram é desencadear exercícios de reminiscência pessoal sobre os modos, as circunstâncias, o tempo em que elas foram correntes.

Ao longo dos anos, fui registando numa lista laboriosa palavras que fui perdendo, palavras que tiveram um tempo no meu discurso (na minha vida?), ou que, pelo menos, nela traçaram um rasto fulgurante de cintilações afetivas rapidamente extintas no céu do meu *olvido*. O que tinha em mente era uma coletânea de murmúrios e reminiscências, de segredos e memórias, um inventário de adversidades e afetos, cada uma das nossas histórias dando às palavras o sentido que lhes atribuímos, em lentas, sucessivas, respeitosas aproximações. Mas o que resultasse não seria um exercício lexicográfico, muito menos filológico, e só instrumentalmente etimológico: antes, um álbum de memórias vazadas em palavras cujo eclipse parcial me apetecia resgatar pela evocação, mais um roteiro do que um dicionário. Nada nele seria exaustivo: na realidade, menos de um terço das palavras listadas acabou por vir à escrita (80 de uma lista de 250). E, dessas, nem todas desapareceram da fala comum; algumas delas apenas se tornaram mais raras, menos correntes, mais «antigas».

Animado pelo desejo e pela vontade, fui escrevendo entradas de uma espécie de «abecedário» que havia de acabar onde tudo termina: num livro. Na sua forma fragmentária, embora alfabeticamente ordenada (que é uma boa maneira de baralhar as pistas...), este é um exercício de resgate de algumas experiências (verbais e vitais), quando muito um contributo para uma arqueologia mental de uma geração lisboeta, a que nasceu em torno do ponto médio do século xx. É um exercício de introspe-

ção e de memória, sem pretensões lexicográficas: é apenas um livro, que não substitui nenhuma experiência vivida, a não ser porque é vivido dentro da cabeça.

É esse livro que aqui se dá.

2022

PRINCIPAIS OBRAS DE REFERÊNCIA CONSULTADAS:

ALVES, Adalberto – *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*, Lisboa, INCM, 2013 (citado como Alves 2013).

AMARAL, Vasco Botelho de – *Subtilezas, Máculas e Dificuldades da Língua Portuguesa*, Lisboa, Revista de Portugal, 1946 (citado como Amaral 1946).

AUGÉ, Claude – *Le Larousse pour Tous*, 2 vols., Paris, Larousse, 1910 (citado como Larousse 1910).

AULETE, Caldas – *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881 (citado como Aulete 1881).

BRUNSWICK, Henrique – *Diccionario da Antiga Linguagem Portuguesa*, Lisboa, Lusitana Editora, 1910 (citado como Brunswick 1910).

COROMINES, Joan – *Breve Diccionario Etimológico*, Barcelona, Gredos, 1961 (edição de 2012, citado como Coromines 2012).

DUBOIS, Jean; **MITERRAND**, Henri; **DAUZAT**, Albert – *Dictionnaire Historique et Étymologique du Français*, Paris, Larousse, 1998 (citado como Dubois 1998).

DUCHESNE, Alain; **LE GUAY**, Thierry – *L'obsoleto, Dictionnaire des Mots Perdus*, Paris, Larousse, 1988 (citado como Duchesne 1988).

HOUAISS, Antônio; **VILLAR**, Mauro de Salles – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 18 vols., Lisboa, Temas e Debates, 2005 (citado como Houaiss 2005).

MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 vols., Lisboa, Livros Horizonte, 6.ª ed., 1990 (citado como Machado 1990).

MORAIS SILVA, António de et al. – *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Confluência, 5 vols., 8.ª ed., 1994 (citado como Moraes 1994).

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA – *Diccionario de la Lengua Española*, 2 vols., 22.^a ed., 2001 (citado como RAE 2001).

SIMÕES, Guilherme Augusto – *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 2.^a edição, 2000 (citado como Simões 2000).

A

ABONADO \ Há palavras que, ao longo da vida, vão mudando de significado para nós, menos pela sua evolução semântica do que por alteração das condições e coordenadas da nossa percepção delas. Em meados do século passado, havia uma retórica da classe média urbana remediada que se confessava *abonada* quando uma entrada inesperada de dinheiro ou uma venda oportuna e bem-sucedida traziam algum desafogo ocasional às finanças domésticas. Era normalmente sol de pouca dura, porque os compromissos correntes rapidamente se encarregavam de consumir esse excedente de liquidez que, aliás, nunca era grande. Houaiss 2005 especifica: abonado é «aquele que recebeu abono; que obteve subsídio ou foi alvo de confiança ou de louvor». Descontem-se a confiança e o louvor, que não dão de comer ao pobre. De onde vinha este «estar abonado» que parecia criar uma ilusão de alguma desenvoltura a gentes que poucas razões tinham para se vangloriarem de uma sobrevivência desanuviada? Aulete 1881 desvenda-nos o segredo desta apropriação pequeno-burguesa de um qualificativo que se usava bem mais acima na escala financeira e social: «Rico: a prova de que é um homem *abonado* está nas suas vastas propriedades.» Cá está: dizer que se estava *abonado* era mais um *wishful thinking* do que uma declaração de interesses. Valia mais ou menos por dizer que se estava, ainda que transitoriamente, a viver com o desafogo dos ricos. Passava depressa e só voltava de longe em longe...

A mesma origem, embora com um significado diferente (mas não totalmente alheio), parece ter a palavra «abonação», que, em linguagem lexicográfica, designa um «trecho de livro ou escrito qualquer que serve para autorizar o emprego de um vocábulo» numa determinada língua (Houaiss 2005). É, normalmente, uma passagem literária publicada que abona, afiança, avaliza, garante o uso correto do termo em análise. Diz-se

do termo assim avalizado que é *abonado*: «teve comprovada, por citação escrita ou oral de trecho de autor consagrado, a sua existência e o seu uso» (*ibidem*). Quanto mais antiga for a abonação, mais valiosa se torna na determinação das etapas da vida de uma palavra. O leitor encontrará muitas destas abonações ao longo deste roteiro, usadas mais para colorir a prosa e entreter a leitura do que para garantir o que quer que seja. Para isso, lá estão os dicionários.

ACANHAMENTO \ É um facto comprovado, embora provavelmente colorido pela imaginação com que sempre se tingem as lendas que envolvem um grande escritor, que William Faulkner, convidado para uma recepção em sua honra dada em Paris pelo editor Antoine Gallimard em 1950, logo depois de ter recebido em Estocolmo o prémio Nobel de Literatura, andou a fugir aos jornalistas que o interrogavam e acabou por se refugiar no jardim, longe das vistas e da curiosidade dos plumitivos parisienses e dos restantes convidados. O episódio é recordado por Javier Marías, num texto que lhe dedicou, mais de 50 anos depois¹: «depois de cada pergunta de um jornalista, [Faulkner] respondia laconicamente e dava um passo atrás. Por fim, passo a passo, acabou encostado à parede e só então os jornalistas tiveram piedade dele e o deixaram em paz». Marías diz que o autor de *A Luz em Agosto*, porventura a maior das suas obras-primas, era «taciturno» e «adorava o silêncio». Parece-me pouco: um tal terror do diálogo com os outros, esta repugnância quase física pelo contacto, não é uma simples disposição do espírito, é uma evidência patológica, o sinal de uma misantropia estrutural. É uma síndrome fóbica, que pode assumir formas paralisantes. É mais, e mais grave, do que aquela disfunção social a que outrora se dava o nome vulgar de *acanhamento*. Ou então é a sua figura-limite.

1 «William Faulkner a caballo», in *Faulkner y Nabokov: Dos maestros*, 2016.

Evocando, no *Livro de Memórias* (1928), a sua falta de vocação juvenil para o estudo e o ambiente escolar, Teixeira de Pascoaes, que chegou a reprovar a português no Liceu de Amarante, escreve: «Nos meus ouvidos soam estas palavras de desânimo: — É muito acanhado e não estuda...» Quem as disse? O pai, o austero mas muito amado conselheiro Teixeira de Vasconcelos? A mãe, cuja figura é evocada com sensibilidade naquele livro de vida? Ou era voz corrente nos corredores da casa de Gatão, tão visível era a sua inadequação à disciplina e às rotinas de estudante? «Neste meio académico e ruidoso, eu era um ser inverosímil.» O «acanhamento» de Pascoaes manifestava-se tanto na falta de segurança nos estudos quanto na tendência irreprimível para essa espécie de *école buissonnière* que eram os seus passeios por montes e vales, demandando alturas de onde se avistavam longes, cruzando diálogos improváveis com velhos carvalhos e japoneiras inquietantes, vendo o mistério em cada folha vibrando ao vento do Marão.

O *acanhamento* que guardo na memória tinha mais a ver com uma certa reserva social, uma timidez incapacitante, particularmente sensível em ambientes urbanos, em que as classes sociais se avistavam de longe sem verdadeiramente se tocarem. Era um efeito de bloqueio, mais do que uma opção solitária. A uma velha costureira que ia de vez em quando lá a casa ouvi dizer que a filha era «muito acanhada»; de uma candidata a empregada doméstica que não sobrevivera à entrevista pessoal dizia-se que era «de um acanhamento insuportável»; de um rapaz que não conseguia articular duas respostas coerentes pensava-se que tudo se devia ao facto de ele ser «acanhadíssimo». Às vezes, o *acanhamento* era sinónimo de tacanhez, ou, pelo menos, era isso que se queria significar; outras vezes, usava-se para designar alguém que era «atado», o que queria dizer que não tinha jeito para nada. Mas não era exatamente isto, nem sequer se encontra nas línguas românicas um equivalente adequado:

a *timidez* italiana é isso mesmo, timidez, a *torpeza* espanhola é falta de jeito, e a *gaucherie* francesa tem mais a ver com desajustamento relacional do que com bloqueio emocional, que é o que provoca uma inibição.

O substantivo masculino *acanhamento* provém de *acanh*, que era um verbo já usado no século XVI e significa constranger, limitar, reduzir o espaço de manobra (de outrem). Mas era uma ação de alguém, mais do que o estado de espírito de quem a sofria. O substantivo exprime uma condição, a do que, por qualquer razão, se acha constrangido, limitado, inibido. Mas o *acanhamento* não é uma mera perturbação (um passo em falso) do relacionamento social provocada por um embaraço qualquer que dificulte a interação entre iguais. Não chega a haver projeção especular de um interlocutor (o embaraçado) no outro (o embaraçante), porque o *acanhamento* exprime uma inadequação persistente ao desenvolvimento do contacto social. E, em formações sociais concretas (como a que vigorava nos anos de 1950 em Portugal), adquire um claro conteúdo classista: o *acanhamento* torna-se uma característica dos que enfrentam alguém ou alguma coisa que lhes é atavicamente superior. De todas as múltiplas aceções de *acanhamento* que nos dão os dicionários (Machado 1990, Morais 1994, Houaiss 2005), nenhuma me parece mais próxima da que se usava na minha juventude do que aquela que, figuradamente, é dada pelo de Aulete 1881: «encolher-se (como um cão)».

AEROPLANO \ Nos anos em que cresci já a palavra *aeroplano* tinha passado à História, ou, pelo menos, deixado de se usar correntemente. Por que carga de água hei de, mesmo assim, trazê-la aqui? É que, apesar de a aviação a jato (o primeiro *Caravelle* saiu da fábrica em 1955) ameaçar então tornar-se dominante nos céus de todo o mundo, a memória das antigas «máquinas voadoras» dos tempos iniciais estava ainda bem viva na lembrança de quase todos. Se havia aventura que valesse a pena ser



Um bombardeiro *Keystone* de 1930

contada, era a dos pioneiros da aviação, os Wright e os Santos Dumont, os Blériot e os heróis domésticos, Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Esses realmente tinham pilotado *aeroplanos*, ou seja, aparelhos mais pesados do que o ar movidos a motor (os pobres planadores não eram, a bem dizer, aeroplanos).

A palavra surgira em França no final do século anterior e fora rapidamente adotada em Inglaterra, embora os Estados Unidos tivessem anglicizado a forma com o termo *airplane*. Na América, os irmãos Wright voaram em dezembro de 1903 e, em 1909, Louis Blériot realizava a primeira travessia aérea do canal da Mancha: voar num aeroplano passou a ser a «última fronteira» do risco e da aventura individual. Em 1927, Charles A. Lindbergh tornou-se um herói global, por causa do seu voo solitário que uniu Nova Iorque a Paris, sem paragens, em pouco mais de 33 horas.

Poucos anos antes, no entanto, a aviação tornara-se um assunto coletivo, com a entrada dos aeroplanos de combate

(biplanos e triplanos) em força na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Há, no último volume da *Recherche* de Proust, uma poética evocação de um cortejo noturno de aeroplanos sobre os céus de Paris, em plena guerra: «subiam [...] como foguetes a caminho das estrelas [...] vinham inserir-se no meio das constelações e podíamos efetivamente julgar-nos noutra hemisfério ao ver aquelas ‘estrelas novas’» (*O Tempo Reencontrado*). A lenda que envolve os encarniçados combates aéreos desse conflito produziu mitos como o de Manfred von Richthofen, o Barão Vermelho, que terá abatido 80 (!) aviões inimigos, e Dogfight Dixon, uma personagem de BD inventada pela *Thriller Picture Library*, que começou a publicar-se em 1960. Salvo erro, o Dogfight Dixon era o rival britânico do germânico Barão Vermelho, também este transformado em personagem de BD antes de se ter tornado tema de filme.

Quando o avião passou a ser um meio de transporte de passageiros aceite e consagrado, no início dos anos 1930, o termo *aeroplano* foi caindo em desuso até passar a ser usado unicamente para designar os pequenos aviões de recreio ou de treino (monolugares ou de dois lugares). A Aero Portuguesa Lda., fundada em 1934, começou a voar para o Norte de África e, dois anos depois, em parceria com a Air France, iniciou a ligação entre Lisboa e a América do Sul. E nem a efémera voga dos dirigíveis (o *Hindenburg* incendiou-se em 1937 e pôs praticamente termo à aventura dos zeplins) ajudou à persistência de uma palavra que fora engolida pela voracidade com que os grandes aviões se apropriaram dos ares: pretensiosamente, passaram a ser conhecidos como aeronaves e em algumas *low-cost* bem se pode falar em «(aero)naves dos loucos»...

Não sei se os *clippers* da Pan American que vinham amarar à Doca dos Olivais ainda se chamavam aeroplanos ou se eram prosaicamente hidroaviões; mas eram *aeroplanos* os aviões que se erguiam lentamente (pelo menos era o que me parecia) do

aeródromo da Granja do Marquês e cruzavam os céus sobre as praias da costa oeste desfraldando bandeirolas com inscrições publicitárias, um hábito que se manteve até hoje. Tornaram-se, por assim dizer, o rosto humano da aviação industrial, uma reminiscência de um tempo heroico em que viajar de avião trazia consigo o perfume da aventura. Há um par de anos perdi a cabeça numa loja de aeromodelismo em Lyon ao dar de caras com o modelo do *aeroplano* em que Saint-Exupéry assegurava o serviço postal para os países do hemisfério sul. Ninguém imagina o narrador de *O Príncipezinho* a aterrar *en panne* no meio do deserto a bordo de um 747...

ALAMBAZAR(-SE) \ O verbo é de conjugação pronominal: quem alambaza *alambaza-se*; provém de *lambaz*, que é um substantivo árabe que designa uma espécie de grande vassourão com que se limpava o convés das faluas que cruzavam o Mediterrâneo (Alves 2013). Mas o precioso *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*, de Humberto Leitão e José Vicente Lopes (1990), leva-nos mais longe: o vassourão, improvisado a partir de um cabo «esfarpado e amarrado em um dos extremos», servia para «acabar de enxugar a água dos pavimentos» (o objeto mais parecido de que me lembro é a doméstica esfregona).

Figuradamente, *alambazar-se* é «limpar» tudo, uma mesa farta, uma refeição copiosa, de forma que não fique nada para outra pessoa. Empanturrar-se é um sinónimo sugestivo e creio que é hoje mais corrente («se te empanturrares com pão, já não comes o assado»). E quem *se alambaza* é *lambaz*, glutão, guloso, lambão, que, na linguagem popular, são o mesmo que rapa-tachos, lambe-pratos. Ainda não há muito tempo, um amigo confessava-me que tinha ido a um restaurante dos arredores *alambazar-se* com um cabrito assado. Duvido que ele tenha usado uma escova ou um esfregão para rapar a travessa ou que tenha levado a gula até ao ponto de lamber o prato: quis apenas

dizer que se tinha deliciado, saciado, empanzinado (esta é de origem popular) com o cabritinho que lhe veio à mesa. A saciedade mede-se pelo excesso; e este, ainda que retórico, garante a plenitude do prazer.

ALBARDADOS (DE BACALHAU) \ É um curioso mistério histórico-semântico a forma como a palavra de origem árabe *albardo* (de *al-barda'a*, «sela», «revestimento», segundo Alves 2013), um adjetivo que originariamente designa o estado de uma cavalgadura aparelhada com dois sacos que pendem de um lado e de outro do lombo («albarda-se o burro à vontade do dono»), evoluiu para nomear um processo culinário corrente em Portugal e Espanha. Na *Arte de Cozinha* de Domingos Rodrigues, publicado em Lisboa no final do século XVII, há uma receita de «miolos albardados» que, se não provoca água na boca, pelo menos esclarece quanto ao procedimento culinário: «Entezados os miolos, e cortados em talhadas com sal, e pimenta por cima, passem-se por ovo batido e fitem-se em boa manteiga» (cito da 7.^a edição, de 1765). E vêm lá também «frangãos albardados», «mãos de porco albardadas» (com ovo, pimenta e limão) e carne assada *idem*...

Sem referir a extensão do termo a este uso doméstico, Machado 1990 entreabre o postigo do mistério ao relacionar a palavra *albarda* com *barda*, que era desde a Idade Média, já perdido o artigo definido árabe, aquilo que designava genericamente a proteção, neste caso dos animais de carga. Um animal albardado era um animal parcialmente coberto, protegido, minimamente equipado para cumprir as funções de transporte que o dono exigia dele: por isso a albarda não era uma sela digna desse nome, antes uma cobertura mais ou menos tosca que protegia a garupa do animal e oferecia espaço para transporte de mercadorias. Não é difícil imaginar que os burros, as mulas e outras alimárias que povoam o *Dom Quixote* de Cervantes ape-

nas tinham direito a essa magra proteção: o burro que alombava com Sancho Pança (roubado e mais tarde recuperado) fazia parte destes infelizes, até porque os cabedais do seu dono não dariam para muito mais e o próprio «engenhoso fidalgo» não estava em condições de lhe valer. E o adorável Platero de Juan Ramón Jiménez, levaria albarda? Pelo menos, quando ia às vindimas, «Platero levava as merendas e os chapéus das crianças num dos lados do alforge, e no outro, de contrapeso, terna, branca e rosada, como uma flor de alperce, Branca». E, quando morreu, deixou sela, embocadura e arreata para as crianças brincarem. Mas, as mais das vezes, protegia-se com a manta que o dono lhe lançava para cima. A verdade é que, descontado aquele adágio popular que persiste na linguagem corrente, perdeu-se este sentido de *albarda*, porque os animais deixaram de ser «bestas de carga» ou montadas de conveniência, substituídos que foram pelos meios a motor.

O que é, culinariamente falando, e de minha memória, um *albardado* (substantivo)? Umhas tiras de bacalhau já desfiado, misturadas com salsa picada e (a gosto) cebola *idem*, mergulhadas num polme de farinha e embebidas em ovo batido, que se levam ao lume a fritar em azeite ou óleo (como confirma Bento da Maia em *Tratado Completo de Cozinha e de Coça*, 1904). Poderá esta simples receita explicar a apropriação do adjetivo *albardado*? Digamos que, com este preparado, o material a ir ao lume fica preparado, protegido, aconchegado. O polme e o ovo defendem-no da agressão do azeite a ferver, mantêm intactas as propriedades do ingrediente de base. Alves 2013 dá de *albardado* a adequada definição: «diz-se do envolvimento em farinha e ovo de certos cozinhados». Em Espanha, diz-se de albardar que é a técnica que consiste em envolver uma peça de carne ou de peixe com *pancetta*, toucinho ou *bacon*: «la finalidad es que al cocinarla se aporte jugosidad a la carne y se evite que se dore en exceso» (RAE 2001). E Bento da Maia: «Nós empregamos o

termo albardar, significando a aplicação de prancha de toucinho sobre as aves, antes de levá-las ao forno. Essa prancha, ligada com um cordel depois de colocada sobre a ave, faz lembrar uma albarda presa com a cilha.» Parece ser isso que sugere Houaiss 2005, ao considerar que o uso da palavra em culinária se faz por analogia com a aceção «aparelhado com albarda», que é, naturalmente, o seu sentido primeiro. A aproximação parece convincente. Talvez a designação sublinhasse a analogia com as albardadas, fatias de pão envoltas em ovo que iam a fritar e eram posteriormente cobertas com açúcar, receita singularmente semelhante à das fatias douradas (ou rabanadas): estas são previamente demolhadas em leite e, no final, levam um toque de canela.

Seja como for, se a utilização de *albardado* como adjetivo continua a ser corrente na nossa cozinha (bacalhau albardado é a receita mais habitual), usa-se menos a designação de *albardado* (como substantivo) para as deliciosas peças de massa frita colorida com salsa com bacalhau desfiado dentro, que antigamente eram um prato regular nas mesas da classe média. Teriam os albardados um menor teor de bacalhau, que era iguaria tão prezada quanto pesada nas exíguas bolsas de há 50 anos? É possível. Não se confundiam, isso é certo, com os «filetes de bacalhau albardados» de que fala *O Livro de Pantagruel*, publicado pela primeira vez em 1946: aqui, preparava-se a posta de bacalhau em filetes finos e fritavam-se depois de passados pelo polme, sem mais. Não há, nesta receita, vestígios de salsa ou cebola.

Do que me recordo, os albardados que se faziam em minha casa eram acompanhados com salada de feijão-frade, pela qual eu me pelava. Nunca rivalizaram, é certo, com os populares pastéis (ou bolinhos) de bacalhau, que começaram a surgir nos receituários portugueses em meados do século XVIII. E acabaram por ceder o lugar (ou o nome) às muito mais prezadas pataniscas, de ingredientes semelhantes, quer as fininhas, muito fritas,

que se praticam no Alentejo, quer as fofas e inchadas, tipo sonhos, que são mais comuns a norte do país mas que podem ainda comer-se em dois ou três restaurantes familiares de Lisboa. Esvaiu-se a palavra *albardados*, mas perdura o sabor a bacalhau.

ALFARRÁBIO \ Antes mesmo de saber o que era um *alfarrábio*, ouvi falar dos alfarrabistas, descritos vulgarmente como uma espécie de coca-bichinhos que acumulavam livros antigos, ou simplesmente em segunda mão, em lojas poeirentas com um cheiro intenso a papel no qual o vírus da humidade já tinha feito estragos. Havia meia dúzia deles entre o Chiado e a igreja de São Roque, mas apenas a antiga Livraria Barateira, fundada em 1914, cumpria a imagem que eu formara de um alfarrabista na minha infância: o espaço era quase interminável, as estantes subiam até ao teto altíssimo, as pilhas de livros velhos acumulavam-se no chão, em escadotes de madeira, em cima dos balcões, em caixotes sem tampa. Encerrou definitivamente há meia dúzia de anos, em 2014. Se o universo tinha a aparência de uma biblioteca, segundo pensava Borges, a Barateira era um simulacro de universo onde parecia caber «toda a memória do mundo», título que aqui tomo de empréstimo a um filme de 1957 de Alain Resnais sobre a Biblioteca Nacional de França.

Alguns anos antes de me tornar um assíduo da Barateira (e de outros alfarrabistas de Lisboa), frequentei, ainda adolescente, uma loja de livros em segunda mão que um reformado da função pública abriu em Mem Martins. Se bem me recordo, embora de dimensões modestas, essa loja foi a minha porta de entrada para o consumo criterioso de obras sobre as quais o verniz da novidade já secara há muito. Ali ouvi falar pela primeira vez de Maupassant e Pierre Loti, ali tive os meus primeiros embates com Émile Zola, ali tercei armas com *O Malhadinhas* e *A Casa Grande de Romarigães*, de Aquilino, ali encontrei o meu primeiro *Livro de Cesário Verde*. E a primeira edição de



Barateira: «toda a memória do mundo?»

Os Caminheiros e Outros Contos, de José Cardoso Pires, publicada em 1949, que figurou durante muitos anos na minha biblioteca (e que levou *sumiço*), foi lá que a adquiri. Mas tão ou mais importantes do que os livros que ali comprei foram as longas conversas com o dono da loja (varreu-se-me o nome, mas não a imagem física dele), que ganhara por mim o afeto que só a cumplicidade intelectual pode ajudar a criar. Não sabíamos nada um do outro, mas sabíamos bem o que nos aproximava. E alguns anos depois descobrimos uma afinidade suplementar quando demos de caras em Sintra, num vigiadíssimo comício da CDE, movimento unitário de esquerda que disputou as eleições de 1969.

É curioso que, para os amantes dos livros, a palavra *alfarrábio* (e o conseqüente *alfarrabista*) tenha uma conotação largamente positiva, como sinal de uma espécie de tesouro que preserva e transmite um saber antigo apenas acessível a uns

AS PALAVRAS RECUPERADAS

A

Abonado
Acanhamento
Aeroplano
Alambazar(-se)
Albardados (de bacalhau)
Alfarrábio
Anís
Apressoado
Ardinas
«Às urnas! Às urnas!»
Atenazar

B

Bandidos
Baquelite
Bota de elástico
Breca (levado da, com a)

C

Cacharolete
Calquinhar
Capelista
Capitosa
Carestia (de vida)
Cartapácio
Cassandras
Cautela (de lotaria)
Chita
Clichés
Comboios

D

Desaustinado
Desopilar
Despautério
Diva

E

Emplastos
Esférico

Espada
Espampanante
Espatífar
Estafermo
Excêntrico

F

Famigerado
Festim
Fineza
Fitas (cinema)
Folião
Forasteiros

G

Galheta
Geringonça
Gloriola
Granada

H

Hombridade

I

Impoluto
Inalador
Infernizar

J

Judiarías
Jucundo

L

Larápio
Lhaneza

M

Merenda
Métier
Mocidade

O

Olvido
Ouido (ter, tocar de)

P

Pecado
Pileca
Piratas
Poeta
Prevista (ser ou não ser)
Psiché (ou psychê)

S

Sarracenos
Soalheiro
Sortido fino
Sumiço

T

Telefonia
Trampolineiro
Tricotar

U

U
Utopia

V

Vampiro
Vate
Vespertinos
Vitualhas
Vocação

X

Xerazade

Z

Zorba

NOTA BIOGRÁFICA

António Mega Ferreira, escritor, gestor e jornalista, nasceu em Lisboa em 1949. Estudou Direito e Comunicação Social, foi jornalista no *Jornal Novo*, no *Expresso*, em *O Jornal* e na RTP, onde chefiou a redação da Informação do segundo canal. Foi chefe de redação do *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Fundou as revistas *Ler* e *Oceanos*. Chefiou a candidatura de Lisboa à Expo'98, de que foi comissário executivo. Foi presidente da Parque Expo, do Oceanário de Lisboa e da Atlântico, Pavilhão Multiusos de Lisboa, S.A. De 2006 a 2012, presidiu à Fundação Centro Cultural de Belém. De 2013 a 2019, desempenhou as funções de diretor executivo da AMEC/Metropolitana. Tem cerca de 40 obras publicadas, entre ficção, ensaio, poesia e crónicas.

ROTEIRO AFETIVO
DE PALAVRAS
PERDIDAS

*foi composto
em Goudy Old Style
e Montserrat e impresso na Eígal,
Indústria Gráfica, sobre papel Coral
Book de 80g, no mês de Setembro de 2022.*
